

SALVE-SE QUEM PUDER



Alfonso

ALINE PADOVANI, FERNANDA EUGENIO, RENATA CAVADOS E TATIANA GENTIL

A angústia do homem pós-moderno está engordando a conta bancária dos místicos profissionais. Neste fim de século, o esoterismo mostra sua faceta multimídia, vira produto, e transforma-se na tábua de salvação da sociedade

Se você está desempregado, na rua da amargura, prestes a ser despejado e, ainda por cima, seu filho se parece com o padeiro; nem tudo está perdido. Você pode se sentar na Margem do Rio Piedra e chorar; escrever uma carta para a Mãe Dinah; ou, simplesmente, “ligue djá”. Nesse fim de milênio, o que não faltam são pessoas “solícitas”, dispostas a interceder por você no além, em troca de seus últimos centavos. É satisfação garantida ou seu dinheiro no lixo.

A explosão mercadológica dos anos 90 tornou o esoterismo mais um de seus produtos. Do grego *esoterikós*: do interior, o termo denominava, na Grécia Antiga, o conjunto dos ensinamentos filosóficos secretos acessíveis apenas aos iniciados. Recebeu o mesmo significado

nas mais variadas seitas que o planeta viu surgir em toda a História. Os sufis, a cabala dos hebreus e a biblioteca de *O Nome da Rosa* são apenas alguns exemplos.

Anúncios de serviços esotéricos povoam todos os meios de comunicação com promessas que, se cumpridas, baniriam para sempre da humanidade todo o sofrimento, a angústia e a dúvida.

No entanto, o esoterismo que conhecemos hoje supostamente não tem mais nada de hermético e está a serviço do imediatismo. Virou sinônimo de serviços 0900, livros de auto-ajuda, jogos

adivinhatórios, culto a gnomos, fadas e anjos. Enfim, até mesmo já rendeu ao “mago” Paulo Coelho o título de *best-seller* mundial, desbancando escritores consagrados como Jorge Amado e Umberto Eco.

Anúncios de serviços esotéricos povoam todos os meios de comunicação com promessas que, se cumpridas, baniriam para sempre da humanidade todo o sofrimento, a angústia e a dúvida. Se dependesse do batalhão de profissionais esotéricos, não existiria problema sem solução. Esse pessoal deve ser mesmo competente, pois, apenas com um toque místico, uma pequena alteração no seu nome ou uma consulta ao baralho ou aos búzios, “traz a pessoa amada em três dias”, cura doenças e dependência de drogas ou álcool, prevê o futuro etc. E, se o seu problema for

mesmo grave, não há nada que um “trabalho” bem feito não resolva. É o paraíso? Não, nada disso. É o mercado adequando o esoterismo à lógica do capitalismo selvagem e da cultura do consumo. Há preços para todos os bolsos quando se trata de uma consulta esotérica: o cliente pode desembolsar de R\$20 a R\$ 300, em média.

No mundo pós-moderno, as certezas já não são mais tão certas assim. As explicações racionais e o gosto pelo acúmulo de conhecimento que caracterizavam o mundo moderno estão cedendo lugar a uma lógica não muito diferente da do *bricoleur*: valores, dogmas e paradigmas se quebram e se fundem no grande caldeirão cultural da humanidade, no qual podem conviver lado a lado elementos os mais diversos, abrindo um leque infinito de possíveis combinações e arranjos. Não há mais definições estanques, nem respostas definitivas. É próprio da natureza humana, no entanto, a necessidade de buscar explicações, de definir de onde veio e para onde vai. É por isso, talvez, que as soluções esotéricas sejam a eureka desse fim de século.

O astrólogo Walter Mercado e o “mago” Paulo Coelho que o digam. Este último, por exemplo, está na lista dos quinze autores mais vendidos no mundo. Suas obras venderam mais de vinte e um milhões de cópias e já foram traduzidas para trinta e nove línguas, em quarenta e dois países diferentes. Antes de dedicar-se inteiramente à literatura, trabalhou como diretor e autor de teatro, compositor e jornalista.

Ter no currículo um itinerário eclético é uma marca registrada dos esotéricos mais populares que surgiram nos últimos tempos. Autora de livros como “A magia dos anjos cabalísticos” e “Tarô dos Anjos”, sucessos de venda da

literatura desse ramo, a paulista Mônica Buonfiglio não foge à regra: começou sua carreira profissional como mãe-de-santo, já foi taróloga, jogou búzios, tornou-se verdadeira autoridade na terapia e sexo dos anjos e, ultimamente, converteu-se em evangélica. Dentre suas façanhas, orgulha-se de ter previsto, há mais de dez anos atrás, o acidente que o ator Gerson Brener – que na época seria seu namorado – sofreu recentemente.



Walter Mercado: ar andrógino em extravagante estilo mercadológico

Se a trajetória de Mônica já surpreende, o que dizer do porto-riquenho Walter Mercado? Fenômeno do marketing de auto-ajuda, com faturamento de aproximadamente US\$ 200 milhões por ano, já foi modelo fotográfico, bailarino flamenco, galã de novelas e, hoje, é o astrólogo multimídia número um do planeta.

Walter Mercado se auto-intitula amigo de estrelas que incluem o presidente norte-americano Bill Clinton, a cantora Madonna, a apresentadora Xuxa e outras celebridades espalhadas pelo mundo. Há quatro anos no Brasil, a grife esotérica WM fatura anualmente cerca de US\$ 30 milhões e difundiu pelo

país o bordão “ligue djá”.

Por R\$ 4,94 por minuto, os cidadãos desesperançados podem se consultar com os mais de 250 discípulos de Mercado, em sua maioria mães e pais-de-santo. Uma gravação padronizada preenche os primeiros três minutos da ligação com um discurso genérico que distribui palavras de conforto como uma metralhadora giratória: são conselhos para brancos, negros, aleijados, pobres, drogados, solitários no amor etc.

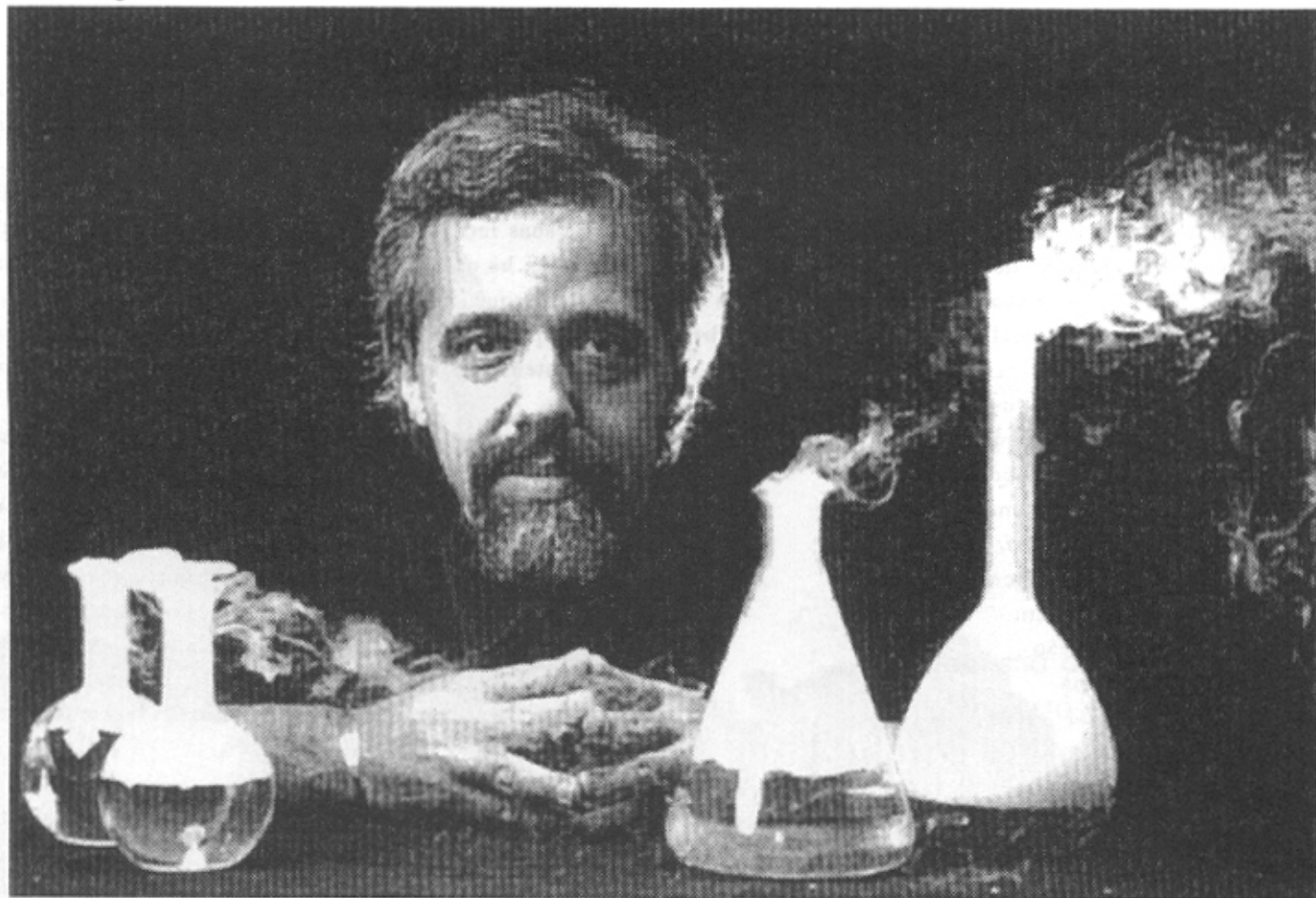
A busca da felicidade e da satisfação plena é intrínseca ao ser humano. No mundo pré-moderno, os homens experimentavam a realidade através da religião, sem questionar – pelo menos durante um bom tempo – a veracidade dos seus dogmas.

Com o conforto de explicações simples e fatalistas, ficava um pouco mais fácil suportar as desigualdades sociais e cultivar esperanças de que o reino dos céus fosse um pouco menos inóspito.

Quando o homem se afirma como indivíduo, começa a questionar o reinado absoluto da religião, descobrindo na ciência e no

racionalismo uma outra forma de explicar sua existência. Atualmente, vivemos a contrapartida dessa opção pelo racionalismo: uma busca desenfreada por explicações, mesmo que irracionais, que possam aplacar a angústia que o homem de hoje experimenta.

Os três pilares básicos da humanidade sintetizados pelo lema positivista “Deus, Pátria e Família” foram se enfraquecendo ao longo da história. Deus foi o primeiro a morrer, como já previra Nietzsche. A revolução sexual dos anos 60 foi o pontapé inicial para a atual dissolução da instituição familiar. O fenômeno da globalização foi o golpe final: diluiu as fronteiras geográficas e



A alquimia que deu certo: best-sellers transformados em "ouro"

tornou sem sentido a idéia de pátria. Sem referenciais concretos, a humanidade ficou desamparada.

O ritmo alucinado da vida pós-moderna, que adotou o consumo como o novo meio de exercer a cidadania, tornou os indivíduos eternos insatisfeitos. A angústia parece ser o estado natural do homem.

Para o parapsicólogo André Luiz Cantalice, "vivemos numa época em que as pessoas buscam soluções imediatas, sem sacrifícios". Talvez por isso a proposta de consumir soluções esotéricas tenha tanto apelo. Cantalice chama a atenção, ainda, para o papel desempenhado pelos meios de comunicação no aumento significativo da oferta de serviços esotéricos na última década.

Os números confirmam: só na Internet, são mais de dez mil sites que tratam do tema e oferecem consultas *o n line*, e os serviços 0900 superam a marca das cem linhas por todo o Brasil. Centenas de publicações especializadas, jornais, revistas e livros inundam o

mercado. Isso para não falar nas lojas esotéricas que, além de venderem uma enorme gama de produtos – incensos, cristais, velas, gnomos, enfeites diversos, roupas – ainda cedem seu espaço para consultas, terapias e cursos.

O professor universitário, cineasta e tarólogo Pedro Camargo afirma que, apesar da grande quantidade de profissionais esotéricos que se auto-denominam precursores do novo milênio, "não se pode definir as expectativas sobre a nova era que se aproxima, pois esta se trata de uma revolução absoluta de paradigmas".

Muita gente se pergunta se a humanidade deve sucumbir às inúmeras profecias que têm surgido desde os famosos escritos de Michael de Nostradamus – que, vira e mexe, são retomadas para explicar catástrofes dos nossos tempos, como a ascensão de Adolf Hitler ou, mais recentemente, a Guerra do Golfo.

A fixação por prever o fim do mundo vem se intensificando com a aproximação do ano 2000 – muitos acreditam que viradas de milênio são propícias ao

apocalipse. A maioria das previsões já perderam o prazo de validade, como é o caso da do próprio astrólogo e físico Nostradamus, que, segundo alguns de seus intérpretes, teria previsto que o mundo acabaria no dia 10 de maio de 1988, com um terremoto que começaria em Los Angeles, EUA. De fato, ocorreu neste dia na cidade um terremoto, mas os estragos não chegaram a ameaçar o mundo de extinção. Outros escritos proféticos marcam a data fatídica para 1998, já que Cristo morreu em sua 1.998ª semana de vida. Será?

A idéia de prever o futuro, portanto, sempre exerceu enorme fascínio no imaginário do homem ocidental. O filão dos esotéricos que estão engordando a conta bancária neste fim de milênio trabalha em cima deste anseio. Quanto a isto, Pedro Camargo tem um último recado: "Uma pessoa que conhece estritamente seu futuro, perde o livre-arbítrio. Segundo a tradição, o próprio Cristo havia dito: 'Pai, se possível, afasta de mim este cálice'". Cabe ao leitor decidir se quer ou não comprar esse produto. ◀

VIDENTES PROFISSIONAIS: SERIEDADE OU CHARLATANISMO?

Eclética foi conhecer de perto o mundo das consultas esotéricas. Uma rápida olhada nos jornais permite distinguir predominantemente dois tipos de anúncios místicos: os de oferta de serviços e os de agradecimentos, nos quais é dado o telefone de contato da "querida fada" ou "santa mãe vidente" que solucionou o problema. Os profissionais parecem bastante versáteis, pois em sua maioria oferecem mais de um meio para entrar em contato com o além: num mesmo anúncio, podem se apresentar como videntes, numerólogos, astrólogos ou cartomantes. Através dos classificados, foram escolhidos aleatoriamente três serviços diferentes: búzios, tarô e incorporação de entidade. Nossas repórteres se apresentaram como consulentes normais, sem comunicar que se tratava de uma reportagem. Por esse motivo, os nomes dos profissionais foram omitidos, evitando, assim, que possam ser reconhecidos.

Búzios (Tatiana Gentil)

Com aparência simpática, G.M., uma senhora gorducha de cerca de 50 anos, inteiramente vestida de branco, me abriu a porta de seu conjugado em Copacabana e me conduziu até uma mesa redonda com duas cadeiras frente à frente. O apartamento era abarrotado de plantas e fotografias e, na parede, um prego segurava vários colares de contas coloridas que G.M. vestiu antes de se sentar. Estendeu uma toalha branca com símbolos bordados dentro de um círculo. Logo de início, me preveniu sobre as limitações de seu ofício: os búzios não responderiam nada objetivo, tipo nome de futuro marido, com que idade me casaria ou quando iria morrer. Também disse que se visse alguma coisa muito ruim, só diria se eu quisesse. Começamos o ritual: ela se concentrou e, de olhos fechados, pronunciou palavras em voz inaudível por cerca de cinco minutos. Em seguida, jogou os búzios diversas vezes sobre o círculo bordado. As previsões de G.M. foram bastante genéricas, dando a impressão de que, qualquer que fosse a pessoa sentada em sua frente, ela diria o mesmo. Disse-me que teria uma carreira bem sucedida, não iria casar cedo e prova-

velmente sofreria, em breve, uma traição. A consulta custou R\$ 20.

Tarô (Aline Padovani)

Quando F.S. me abriu a porta de seu apartamento, na Gávea, me deparei com um ambiente repleto de sinos que batiam sem parar, desprendendo uma melodia agradável. Cumprimentou-me sorridente e disse para me sentar numa pequena mesa quadrada, que ficava num dos cantos da sala repleta de livros. Sobre a mesa, havia apenas algo que não pude identificar de início, pois estava embrulhado num pano colorido. Ela saiu por um instante e voltou carregando um copo d'água. Sentou-se à minha frente, acendeu um incenso, e me

Pelo menos quanto ao passado e presente, acertou em cheio. A consulta toda levou cerca de três horas e, ao final, ela me disse que eu deveria pagar quanto eu pudesse ou julgasse que seu trabalho valia. F.S. recebeu R\$ 50.

Vidência (Fernanda Eugenio)

No portão da casa de Mãe P., em Vila Isabel, uma placa avisa: "Incorporo a entidade de 'Indiana' e resolvo qualquer problema, por mais difícil que seja: casamento em decadência, marido infiel, inimigos ocultos, impotência, dívida e doença". Em letras maiores, logo abaixo, outra promessa: "Traz a pessoa amada em três dias". Ao entrar, duas

mulheres me fizeram sentar numa sala de espera onde três pessoas já aguardavam. Pouco mais de uma hora depois, Mãe P. me atendeu numa sala pintada de azul celeste, mobiliada apenas com uma mesa e duas cadeiras. Sentei-me em frente à Mãe P., uma mulher obesa vestida com uma camisa florida e saia longa, cabelos compridos presos num coque e rosto envelhecido carregado de maquiagem. Car-

rancuda, nem ao menos me cumprimentou; foi direto ao assunto: "Ponha os R\$30 aqui". Guardou o dinheiro, fechou os olhos e, quando abriu, começou a falar com uma voz grossa. Segundo ela, meu futuro era assustador: o espírito de um parente meu, chamado Carlos, estava tentando me prejudicar, e eu deveria tomar cuidado para não ser atropelada. Disse-me que tudo isso poderia ser resolvido se eu mandasse fazer uma vela do meu tamanho, para que ela preparasse uma oferenda. Ela faria o serviço pelo preço de custo, pois simpatizara comigo e sabia que meu caso era grave: "apenas" R\$ 300. Quando vacilei em aceitar sua proposta, Mãe P. fez de tudo para me convencer: disse aceitar cheque pré-datado e chegou a oferecer um desconto de R\$ 50. Como nada surtiu efeito, Mãe P. me alertou, ameaçadora, que, se quisesse, ela poderia "atrasar minha vida". Sai de lá rapidamente, prometendo entrar em contato em breve. Em tempo: não tenho nenhum parente chamado Carlos, vivo ou morto.



disse que a água servia para "absorver os maus fluidos". F.S. aparentava menos de 30 anos, e vestia uma calça jeans e uma blusa de tricô. Conversou comigo sobre assuntos diversos do seu cotidiano: "o trânsito está uma loucura" e "estou precisando ir ao supermercado" foram algumas de suas frases. Depois, ficou quieta de súbito, desenrolou o pano colorido, e pude perceber que ele embrulhava suas cartas de tarô. F.S. fechou os olhos em concentração e pediu que eu embarlhasse as cartas e cortasse o baralho em três partes com a mão esquerda. Em seguida, dispôs as cartas em círculo, começando a discorrer sobre minha vida: passado, presente e futuro.